

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

62) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (NOVEMBRO 24, 1838)



UMA VISTA DE COBLENTZ.

O VIAJANTE que descendo o Rheno se approxima a Coblentz desfruta um espectaculo delicioso: fica-lhe á esquerda a eminencia, que foi outrora o assento do convento da Cartuxa, e hoje está occupada pelas formidaveis fortificações levantadas pelo medo que inspiravam á Alemanha as lembranças da França imperial: sobre a praia jaz a cidade de Coblentz com seu excellente castello bem restaurado; e para todos os lados descortinam-se grandes extensões de verdura, e os mais variados accidentes do terreno. A confluencia nesta paragem, ou junção do Moselle com o Rheno, cada um dos quaes banha a cidade por seu lado, fazem realçar mais esta fertil e formosa paizagem.

Coblentz pertence hoje á Prussia, que a considerou como um importantissimo ponto militar, rodeando-a de fortificações dignas da admiração dos que seguem a profissão militar. Esta cidade foi celebre no começo da revolução franceza, como refugio da nobreza emigrada de França, onde por muito tempo se concentrou a acção do partido monarchico, e se forjaram planos, e meditaram tentativas para obstar á torrente revolucionaria, e restabelecer o antigo regimen.

CHIMICA DOMESTICA.

1.º

Introdução.

O DOCTOR Watson, auctor dos *Ensaio Chimicos*, conta que encontrando-se por acaso em Londres Sir

Isaac Newton com o doutor Bentley, e tendo-lhe Newton perguntada quaes eram os trabalhos philosophicos em que se pertendia empregar em Cambridge, o doutor lhe respondera: Nenhum; porque, se quando vós, Sir Isaac, andastes á caça, a matastes toda, escusato é que nós a procuremos. Isso é falso, disse o philosopho. Vós ainda podeis fazer sair de cada moita immensa variedade de caça, com tanto que vos queiraes dar ao trabalho de bater o matto para esse fim.

Mui digna de attenção é esta resposta de Sir Isaac Newton, porque a podemos applicar a uma infinidade de circumstancias.

Qual será o philosopho, por mais perspicaz e habil que seja, que não deixe cousa alguma para os seus contemporaneos ou successores descobrirem e inventarem? Homem nenhum, por maior que seja a sua inferioridade, comparado com os varões celebres, cujos nomes são conhecidos e venerados em toda a parte, deve perder a esperanza de acrescentar uma pagina ao grande volume dos conhecimentos humanos. A posição social de qualquer homem, ainda quando seja desfavoravel ou pouco propicia para quem quer emprender observações scientificas, nunca é tão adversa que totalmente lhe véde o conhecer e dar valor ás bellezas e maravilhas naturaes que o cercam. Jacques Fergusson, tinha um emprego que exigia menos desinvolvimento das faculdades intellectuaes do que qualquer dos que nos podem caber em sorte. Em summa, era guardador de gado nas montanhas da sua patria; e todavia mediante os seus esforços

alcançou honrada fama entre os varões doutos de seu tempo. Poderá alguém redarguir que as obrigações inherentes áquelle cargo eram as mais proprias para facilitar a Fergusson os meios de levar ao cabo quaesquer trabalhos mentaes, porque tendo elle o entendimento mui pouco applicado ao desempenho dos deveres de pastor, podia dar-lhe livremente outra direcção; porém não é isto razão sufficiente para diminuir os elogios e a gloria que cabem a Fergusson, e a todos os que se virem nas mesmas circumstancias, porque poderíamos citar um numero de homens com todo o tempo por seu, e vagar para tudo, e que nem assim fizeram a minima tentativa para ampliar os dominios das sciencias, pelo menos egual ás de outros, que tendo consagrado todos os dias da sua vida a continuos trabalhos, ainda lhes sobrou tempo para descobrirem verdades até então desconhecidas, ou para dar novas applicações uteis ás já sabidas.

Levamos a mira, quando fazemos estas observações, em deixar os nossos leitores inteiramente persuadidos de que a todos nós é possível [cada qual segundo as suas forças] tornarmos-nos uteis aos nossos semelhantes, com tanto que queiramos meditar e reflectir sobre as cousas que comprehendemos, e que nos empenhemos no desinvolvimento das causas do que não conhecemos.

Todos nós vivemos em todo o tempo cercados de objectos que vistos como deve ser constituem uma mina de riquezas scientificas. Na falta de qualquer outro objecto das nossas experiencias, lancemos mão, por exemplo, das cousas que constantemente nos circumdam, — de que mais usamos na vida domestica, e em breve descobriremos uma cadeia continua de processos chimicos, — de movimentos em que obram as forças mechanicas, — de próvas do equilibrio dos fluidos, — da elasticidade e expansibilidade dos gazes e vapores; veremos a applicação de todos, ou de parte destes mesmos conhecimentos, na construcção de nossos móveis e utensilios, e as nossas observações nos abrirão um manancial fecundo e inexgotavel de meditações e trabalhos. Podem os nossos leitores ter por certo que se podessem analysar metade dos nossos processos chimicos empregados no desempenho diario dos trabalhos domesticos, ou explicar metade das leis mechanicas a que está sujeita a mais humilde pousada, grandes progressos teriam feito em algumas das mais importantes sciencias naturaes. Muita gente pasmaria se acaso soubesse que tem gasto toda a sua vida na practica da philosophia e da chimica naturaes; e, todavia, isto é pura verdade. O menino que parte uma noz ou as pernas d'um caranguejo, entalando-as n'uma porta, serve-se d'uma das propriedades da alavanca; aquelle que, querendo fechar uma porta põe a mão mais perto da fechadura que dos lemes, vale-se tambem d'outra propriedade da alavanca; a pessoa que destapa a vasilha que contém agua a ferver, faz isto em virtude das leis expansivas do vapor, pois o que pertence é, que o conteúdo no vaso se não entorne. Mal reparámos que todas as vezes que nos levantamos de uma cadeira, nos inclinamos para diante, e entretanto, se assim obramos é porque temos de obedecer ás leis que exigem que nenhum corpo perca o centro de gravidade, pois aliás ha-de cair! A criada que traz nos braços algum objecto pesado se inclina para traz, porque obedece ás mesmas leis. Será preciso para fazer uma xícara de chá que ferva a agua dez ou doze minutos antes de se deitar no bule? Não; porque na verdade logo que serve está prompta para o uso que d'ella se quer fazer, e tanto assim é que por mais tempo que a deixem ao lume não ficará mais quente; todavia é muito de suppor que não falte quem creia

ser devida a infusão do chá mais depressa ao ter ferverido a agua do que á sua temperatura. A lavadeira, que afirma que a roupa se não faz branca com a agua de certa fonte, mostra o conhecimento practico d'uma verdade, a saber, que a agua que contém cal não dissolve o sabão, o qual fica a modo de colhado, e que se o sabão se não dissolver, não poderá a roupa ficar bem limpa. Quem quer encher um balde n'uma cisterna, poço, ou tanque, não o faz entrar n'agua verticalmente até ficar de todo mergulhado, mas inclina-o para que lhe entre uma porção d'agua; a razão disto é que o peso do balde visio é pequeno em comparação do seu volume, o que faz com que elle não possa mergulhar senão por meio d'um acrescimo de pressão, mas logo que lhe entra uma pouca d'agua, accelera-se-lhe a queda. Todas estas reflexões, que formam apenas uma pequenissima parte dos conhecimentos que alcançamos por todas as nossas observações diarias, são outras tantas provas de que continuamente executamos leis naturaes, mas sem reflectir no que fazemos. Nós praticamos os factos indicados nestes poucos exemplos, não em virtude do conhecimento das leis de que taes factos dependem, mas porque a verdade d'elles está demonstrada pela experiencia.

E não fôra para desejar que todos nós procuramos comprehender as leis que regem todos os processos materiaes, adquirindo assim a chave que nos ha-de abrir tantas portas, ao passo que cada uma d'ellas sóa póde abrir uma chave particular nas mãos de quem apenas sabe o modo porque se ha-de haver neste ou naquelle caso particular? Sim; sem duvida, por isso é nosso desejo que os leitores conheçam a abundancia de materiaes que podem servir de assumpção ás suas meditações. Sem alheios soccorros diligenciae explicar as causas desses phenomenos que todos os dias estaes vendo juncto da vossa chaminé, no tracto domestico, ou no decurso das vossas operações diarias. Póde um homem ser bom chimico, ainda que os seus apparatus se limitem a algumas garafas, um polvorinho, um cachimbo e um candieiro, e o doutor Wollaston provou que um grande sapo podia fazer experiencias galvanicas com um dedal e dois pedacitos de arame. Não percamos de vista que cousa alguma é tão mesquinha ou insignificante que não mereça a attenção de um sabio; e aquelle que presume que o geito com que poderemos encher um balde, fazer ferver batatas, ou fechar uma porta, não pertence á sciencia, muito longe está ainda de saber o verdadeiro sentido desta palavra.

2.^o*Aguas casciras.*

Quando observamos todos os processos naturaes artificiaes, que de continuo se estão praticando, as mudanças externas e internas, que esses mesmos processos causam nas cousas materiaes, não podemos deixar de chegar a concluir que é a agua o primeiro dos principaes agentes causadores de taes mudanças. Destes dois elementos porém — o ar e a agua — não nos é licito decidir qual d'elles presta ao homem serviços mais relevantes. O ar, cuja acção é indispensavel ao phenomeno da respiração, é por consequente o principio das nossas forças vitaes; mas a acção da agua é incessante: ella obra como dissolvente, como alimento indispensavel dos animaes e vegetaes, cujo desinvolvimento e abundancia favorece; modera e atenúa um principio poderoso — o calor — e é a origem da deliciosa fresquidão que dá á terra uma formosura que encanta; ao mesmo tempo que o ar, que circula ao redor della, lhe conserva uma harmonia

niã admiravel, e um equilibrio constante. Porém felizmente não temos precisão alguma de formar uma comparação entre o ar e a agua, para d'ahi deduzirmos a excellencia dos seus direitos á nossa admiração: basta que digamos, que ella tem tantas e tão diversas propriedades que o ingenho e as repetidas investigações do homem ainda não poderam descobrir quaes sejam todas as suas serventias. Se pois é um dever nosso não nos mostrarmos pouco gratos pelos beneficios que de ambos elles provém ao homem, devemos igualmente buscar que por via de observações e pesquisas experimentaes se amplie a utilidade do uso do ar e da agua.

Não devemos pasmar de que em tempos remotos julgassem ser a agua um dos elementos que entravam na composição de todos os entes inanimados, sendo os outros tres elementos o ar, o fogo, e a terra; porque só na ultima parte do seculo passado é que os rapidos progressos dos descubrimentos chimicos provaram não ser a agua um elemento ou substancia simples, mas sim um composto de dois corpos ambos gazosos antes da sua combinação; a saber o oxigeneo e o hydrogeneo.

Pertence a Cavendish a gloria de ser o primeiro que decompoz a agua em 1766. O gaz oxigeneo foi descoberto pelo doutor Priestley no primeiro de Agosto de 1774. Mas a grande experiencia que confirmou ser a agua pura composta unicamente do oxigeneo e do hydrogeneo foi feita em Paris, em 1790, por Foureroy, Vauquelin e Séguin. As circumstancias que a acompanharam honram em summo gráu a energia e perseverança daquelles chimicos, que operaram por espaço de cento e oitenta e cinco horas consecutivas, revezando-se, para descaçarem algumas horas sobre enxergões que tinham no laboratorio.

Depois de havermos mostrado como é composta a agua de substancias gazosas, cumpre-nos reunir dentro de um estreito quadro o prestimo da agua nos diferentes misteres da vida: para conseguirmos o nosso intento, adoptaremos um methodo de classificação, segundo o qual póde a agua ser dividida em diferentes especies, conforme as diversas propriedades que em cada uma dellas se observa. Preferimos aos muitos methodos de classificação que tem sido postos em practica, repartir as aguas em duas grandes classes, a saber: *aguas domesticas*, e *aguas medianas*.

Aguas domesticas: são aquellas de que nos servimos para beber, e para os misteres domesticos.

Esta classe comprehenderá quatro especies: 1.^a, a agua atmospherica; 2.^a, a agua de fonte; 3.^a, a agua de rio; 4.^a, a agua de lago.

1.^a *A agua atmospherica*, comprehende todo o liquido resultante dos phenomenos atmosphericos, como a chuva, o granizo, a neve, &c. &c.: no estado em que este liquido se acha quando cae na terra, ou ao atravessar-lhe as diversas camadas. Esta agua é purissima; e não contém mais do que uma pequenissima porção de materia estranha que absorve, quando cae na terra, e principalmente na vizinhança das grandes cidades; com effeito, encontramos de ordinario o granizo e a neve em estado de maior pureza do que a chuva, porque formando-se o granizo de gottas de chuva geladas no momento em que caem, e sendo a neve formada de vapor humido antes de ter tido tempo de se reunir em gottas globulosas, é evidente que a neve e o granizo não podem receber e confundir na sua substancia moleculas de materias estranhas com tanta facilidade como se estivessem no estado liquido.

A origem da agua atmospherica é a evaporação da superficie do Oceano, dos mares, dos rios, dos

lagos, &c. &c. Esta encorporação continúa sempre, ainda nas temperaturas as mais baixas, até que o ar que está por cima das mesmas superficies fique inteiramente saturado de humidade.

O vapor que se levanta da superficie d'um tanque n'um dia de calma, é um facto que todos conhecem; mas o que póde causar algum espanto, é que nos dias de maior frio, se levanta da superficie d'agua o mesmo vapor, sem que sequer sirva de obstaculo á evaporação a fórma compacta do gelo. Todavia nas temperaturas baixas é pequenissima a quantidade de vapor que sóbe ao ar, sem que por isso deixe de ser coisa averiguada, que uma temperatura baixa, como se colhe de numerosas experiencias, se não oppõe á formação do vapor. É certo que quando a temperatura regula pela dos climas temperados é muito maior a quantidade de vapor que exhala a agua; e perto do Equador, onde os raios do sol, caindo verticalmente, tem muito maior força do que nos climas onde battem mais obliquamente, a quantidade d'agua que sóbe á atmospheria debaixo da fórma de vapores, é enorme na verdade. Quem lançar os olhos a uma carta geographica póde ver que nove caudalosos rios, afóra um numero grandissimo de ribeiras mais pobres, derramam suas aguas no seio do mar Mediterraneo. Por meio de experiencias relativas á extensão, e ás correntes dos rios principaes, se tem calculado que todos os dias caem no Mediterraneo obra de duzentos milhões de toneis; mas, o que é mais extraordinario, é o estar provado que para cima de 500 milhões de toneis de agua se evaporam da superficie do Mediterraneo no decurso de um dia calmoso de verão!.. Esta operação é maior duas vezes e meia, que a quantidade d'agua que despejam no Mediterraneo, no mesmo espaço de tempo, os rios, que lhe são tributarios.

Além da evaporação da superficie da agua ha tambem uma continua ascensão de vapores, proveniente dos vegetaes e outras substancias, logo que o sol faz subir a temperatura da superficie da terra a gráu superior ao da temperatura media. O doutor Watson imaginou uma engenhosa combinação para avaliar a quantidade de tal evaporação sobre uma superficie dada: "Aos 2 de Junho de 1779, diz elle, estando o sol brilhante e quente, emborqueei um grande copo de vidro sobre um montinho de relva, que ficou inteiramente dentro d'elle. Não tinha chovido havia mais d'um mez, e a herva estava toda amarella. Em menos de dois minutos estava o copo embaciado pelos vapores, e passada meia hora começaram a escorrer pelas paredes internas do copo umas gottas que dos taes vapores se tinham formado; esta experiencia foi repetida muitas vezes, e deu sempre o mesmo resultado."

"Então pude eu avaliar com exacção a quantidade obtida deste modo em certo espaço de tempo: medi a grandeza do interior do copo, e achei que equivalia a um quadrado de doze pollegadas. Depois de o copo ter estado sobre a relva um quarto d'hora e de ter ajunctado certa porção de vapores, enxuguei-o por dentro com um pedaço de cassa, cujo peso já eu d'antes conhecia; logo que vi o copo enxuto, pesei de novo a cassa, e o acrescimo do seu peso me deu a conhecer a quantidade de vapor obtido." — (*Ensaios chimicos*. Vol. III pag. 54.)

(Continuar-se-ha).

LISBOA E CONSTANTINOPOLA.

Os MAIORES e melhores pórtos do mundo são Lisboa e Constantinopola; e por consequencia estas duas ci-

dades unicamente capazes de serem os dois maiores impérios do mundo. Ambos são igualmente grandes e seguros: Constantinopola está entre dois mares, situada na Europa, visinha da Asia, e não distante de Africa. Mas a situação de Lisboa é incomparavelmente melhor; porque está no Oceano, e sessenta leguas distante do Mediterraneo. Antes que dobrássemos o cabo de Boa-esperança, e antes que se descobrisse a America, se podia considerar Constantinopola em melhor situação, a respeito do mundo conhecido; mas depois que pelos mares se communicou o occidente com o oriente; depois que se descobriu um novo mundo, Constantinopola é o melhor porto do Mediterraneo, e Lisboa o melhor porto do mundo. — *Duarte Ribeiro de Macedo.*



O COSSACO DO VOLGA.

DESDE as campanhas de Napoleão na Russia as gazetas fizeram conhecido o nome dos cossacos no Meiodia da Europa, e a França os contou em o numero dos seus invasores, ás ordens do Czar Alexandre. Não será portanto sóra de proposito dar breve noticia deste povo singular, que habita aquellas partes do imperio russo confinantes com os dominios septentrionaes da Turquia, Polonia, e Tartaria, e com as partes meridionaes da Siberia. Seu nome e origem são obscuros: o primeiro parece derivar da palavra tartara *kaisaks*, que significa cavalleiros mercenarios armados á ligeira; quanto á descendencia parece provirem de raça russiana, misturada com tartaros, calmuços e ciganos, do que não deixam a menor duvida a sua linguagem, e practicas religiosas. A base do seu dialecto é o russo, porém corrompido nos termos militares com palavras turcas, e nos forenses com outras polacas.

Pelo meado do decimo quinto seculo os cossacos, conhecidos já pelas proezas militares, não tinham governo regular; nas occasões urgentes nomeavam um

commandante, cuja auctoridade cessava com as circumstancias, que o tinham feito eleger. No principio do seculo immediato, um russo de inferior condição, mas de estremo valor, fundou entre estas tribus rusticas uma especie de republica militar regida por chefes electivos. Por este tempo ainda não tinham a denominação de cossacos, e eram confundidos com os circassianos. A historia só faz menção delles com este nome em 1516, quando tomaram parte mui activa nos negocios da Polonia. Para o diante pozeram-se debaixo da protecção dos monarchas deste reino, que os organisaram em corpos regulares; e nestes intervallos fundaram colonias nos paizes que hoje occupam. Alternativamente se submetteram á Russia, á Suecia, ao Kam da Crimea, conforme os motivos de queixa que tinham contra seus amos, e daqui se originaram escaramuças, guerras, e emigrações, sendo das ultimas a mais notavel a que fundou as tribus chamadas hoje do Euxino. Porfim sujeitaram-se á Russia, que nestes ultimos tempos lhes tem concedido a fruição pacifica das localidades onde residem, e os exempta de tributos mediante a obrigação de fornecerem certos contingentes para o exercito. Em 1831 o imperador Nicolai restabeleceu os regimentos da Ukrania, sob a denominação de Cossacos da Russia Menor. Ao presente toda a tropa desta gente é de cavallaria, distribuida da maneira seguinte: —

Guardas imperiaes. — 4 regimentos, denominados do Don, do Euxino, do Ural, de Attaman, com a força de 2.760 homens.

Tropa de linha. — 164 regimentos com 917 esquadões, e a força total de 101.760 homens. Destes os do Volga [como o da estampa] formam tres regimentos; os do Don são os que dão mais gente, porque, além das Guardas, compoem á sua parte 70 regimentos; e afóra isso duas baterias de artilharia a cavallo. Metade de toda esta força está sempre prompta para serviço; a outra é de reserva; póde ser empregada toda, e ainda augmentar-se o numero das praças, se o imperador o mandar. Todo o cossaco da idade de 18 a 40 annos é sujeito ao serviço militar, e a apresentar-se com cavallo, armas, e equipamento. Os mais moços são chamados primeiro, os outros ficam na reserva, a não quererem entrar como voluntarios em tempo de paz. Estas recrutas são as mais bem tractadas do exercito russo. Em tempo de guerra a duração do serviço é illimitada; em tempo de paz são obrigados só por tres annos. Não recebem soldo senão estando em campo, ou nas fronteiras. O fardamento é uma veste curta á polaca, ceroulas largas azues-escuras, e um capuzo preto de pelle de ovelha. As armas são, uma lança comprida, o sabre ou cimitarra, espingarda, um par de pistolas, e um látego de couro.

Os cossacos são pela maior parte membros da egreja grego-russiana, e formam um povo puramente militar. Vagamente se póde calcular a força total da população desta gente meio-selvagem. Archenholtz, no principio do seculo passado, affirmava que o numero de homens capazes para o serviço andava por 700:000.

O PAÇO DO LOUVRE.

O LOUVRE, palacio dos antigos monarchas de França, é um monumento de recordações da historia deste bello paiz: hoje corre o seu nome pela Europa depois que o adornam immensos thesouros das artes, como museu de esculptura, de pintura, e de antiguidades, e que está destinado á exposição publica das producções das artes e da industria da França.

Foi a sua origem uma torre, de grosseira fórma, construída no começo do século decimo terceiro por Philippe Augusto, sobre a margem direita do Sena, e que por muito tempo serviu de prisão de estado; a cujo nome estremeciam os barões rebeldes daquellas eras, como os descendentes dos seguintes séculos ao nome da Bastilha. Carlos 5.^o, conservando a torre de Philippe, converteu este sitio em palacio real, que tendo-se arruinado pelo lapso dos tempos, foi reedificado por Francisco 1.^o, o monarcha cavalleiro; e então foram a terra a torre velha e as construcções gothicas de Carlos, permanecendo unicamente a porção hoje denominada o *Velho Louvre*, que é a parte do edificio, que por um lado faz frente para o pateo quadrado do palacio, e pelo outro para as Tulherias. O primeiro architecto, Pedro Les-cot, abade de Clugny, estendeu um dos lados do Louvre para o Sena; e quando mais para o diante se ergueu o paço das Tulherias deu isto a idéa de se communicarem ambos os edificios por meio d'uma comprida galeria, que corresse parallela ao rio. Apenas concebido este plano gigante, logo se metteu mãos á obra. Carlos 9.^o, celebre pela matança em dia de S. Bartholomeu, lhe deu principio: Henrique 4.^o, o pai da patria, Luiz 13.^o, e Luiz 14.^o continuaram vigorosamente os trabalhos interrompidos, e por fim os primeiros annos do nosso século viram acabar esta empreza maguifica, a *galeria do Louvre*, hoje tão celebre.

A magestosa columnada, que aformosea este palacio, é devida ao plano do medico Claudio Perrault. O Louvre é notavel por seus principaes architectos, padre um, outro medico! Ainda que o ministro *omnipotente* de Luiz 14.^o, Colbert, estivesse satisfeito com os desenhos de Perrault, conservou aberto o concurso que estabelecera para a obra; e como na Italia era então assombrosa a fama de Bernini, convidaram este para vir a Paris; mas conhecendo-se que a idade tinha debilitado os talentos do afamado mestre, por felizes se deram em que elle se despedisse; e os planos de Perrault foram os unicos adoptados. As medidas decretadas para o costeiro da construcção deste paço foram extrordinarias, e taes que, segundo a expressão d'um historiador, pareciam emanadas dos governos de Constantinopola ou de Marrocos. Prohibiu-se aos particulares edificarem em Paris sob pesadissimas multas; e aos obreiros o empregarem-se em obras particulares sob pena de prisão pela primeira, e de galés no caso de reincidencia. E não ficou aqui; Colbert [o ministro a quem os nossos comparam o Marquez de Pombal] sollicitou e obteve do archebispo de Paris a supressão de grande numero de festas religiosas para que os trabalhos se não interrompessem. É de notar que os parisienses clamaram mais contra esta medida do que contra as antecedentes. Com meios tão vigorosos concluiu-se esta fachada, que fórma a parte externa de um dos quatro corpos de que o Louvre se devia compor, conhecida pelo nome de *colonnade du Louvre*, uma das obras primas de architectura em Paris. Mas afrouxando o ardor com que encetára a obra, voltando Luiz 14.^o seus pensamentos a outros objectos, ficou incompleto o acabamento do grandioso paço; e por mais d'um século as academias, nelle installadas, o foram mutilando e arranjando á sua vontade para se accommodarem; até que Napoleão, sendo primeiro consul, tentou salvar o Louvre da ruina, e pôz de novo mãos á obra; mas a duração do imperio foi curta, a da restauração tambem; e desde a revolução de 1830 o acabamento do Louvre e das Tulherias, de novo projectado, tem ficado addiado.

VENTRILQUISMO.

DA-SE este nome, para evitar circumlocuções, a certo dote, artificio, ou qualidade de que varias pessoas tem sido dotadas, e por cujo meio podem modificar de tal maneira a voz, que parece aos circumstantes que sae do estomago ou do *ventre* do que falla, e muitas vezes crê-se ser uma voz vinda de grande distancia, e de diversas bandas. Acham-se algumas passagens allusivas a este phenomeno nos escriptos dos antigos, e particularmente em Eustathio e no seu commentador Leão Allacio. O ventriloquismo é um plausivel meio de explicar os oraculos dos pagãos. Os carvalhos fallantes do templo de Dodona deixam de causar admiração, se nos lembrarmos que os sacerdotes, possuindo talvez a arte do ventriloquismo, sabiam fazer crer aos povos ignorantes que os troncos e ramos daquelles carvalhos tinham o dom dos oraculos.

É extensissimo o catalogo dos ventriloquos, de que fallam auctores modernos, dignos de credito. Escolheremos apenas algumas anedotas mais curiosas e provadas, para dar aos nossos leitores uma idéa do ventriloquismo, precavendo, assim, muitos contra algum engano que seria possivel lhe armassem, por meio deste modo facil de fingir almas do outro mundo, e avisos celestiaes.

Brodeau, erudito critico francez do século 16.^o, refere um dos mais notaveis factos practicados pelo celebre ventriloquo Luiz Brabant, criado de elrei Francisco 1.^o de França. Este mesmo successo vem repetido no *Delphi Phoenicizantes* do inglez Dickenson.

Luiz, que, além de ventriloquo, tinha a habilidade de imitar toda a casta de vozes, parece que se enamorára apaixonadamente de uma rapariga bella e rica; mas, pedindo-a aos paes, estes rejeitaram a sua proposta, por elle se achar em más circumstancias pecuniarias. D'ahi a pouco morreu o pae da rapariga, e o nosso ventriloquo foi visitar a viuva, que não lhe sabia da habilidade. Depois que elle entrou, em pleno dia, na sua propria casa, e na presença de muitas pessoas que lhe estavam fazendo companhia, a boa da viuva ouviu uma voz, perfeitamente semelhante á de seu defuncto marido, a qual parecia vir de cima, e que lhe dizia: "Caza a nossa filha com Luiz Brabant: elle é riquissimo, e muito bom moço. Eu estou soffrendo os indiziveis tormentos do Purgatorio, por haver recusado conceder-lh'a. Se obedeceres a este mandado, brevemente me verei livre deste logar de angustia."

A viuva não podia resistir, por um só momento, a tão terriveis ordens, que ninguem suspeitava saísem da boca de mesmo Luiz Brabant. Aceitou-o por genro: mas como elle não tinha real tractou de o arranjar, para poder fazer alguns presentes á noiva. Para isto foi ter com certo banqueiro de Lyão, que tinha com usuras e traficancias ajuntado muito dinheiro, que era ao mesmo tempo supersticioso e credulo, e cujo pae Brabant conhecera.

Dados os primeiros passos para ter entrada com elle, o ventriloquo guiou de modo a conversação que vieram a tractar de materias religiosas, e depois de duendes, almas do outro-mundo, Purgatorio &c. Durante um intervallo que houve no meio do dialogo o banqueiro ouviu uma voz aterradora que lhe pareceu a de seu defuncto pae, queixando-se de estar mettido no Purgatorio, e pedindo-lhe entregasse a um certo Luiz Brabant, que estava alli com elle, uma avultada somma para que a dispendesse no resgate de captivos, aliás tambem elle banqueiro seria condemnado, não ás penas do Purgatorio, mas ás do inferno. Já se sabe que Luiz Brabant fingiu grande es-

panto; e deu mais força ao enganó confessando que tinha grande devoção com resgatar captivos, do que havia tractado toda a sua vida.

Porém o usurario não era homem que desse dinheiro sem mais, nem mais. Foi passear no outro dia com Brabant para um campo; mas em toda a parte ouvia a voz não só de seu pae, mas de muitos de seus defunctos parentes. Não podendo já resistir a tantas supplicas e queixumes sobrenaturaes deu-lhe dez mil coróas, que serviram, não para os captivos, mas para o casamento do ventriloquo. — Passados tempos descobriu-se a trama, e o banqueiro apaixonou-se tanto com o logro, e com as vaias que lhe davam, que caíu em cama, e morreu.

O mais notavel ventriloquo que depois appareceu foi, tambem em França, o celebre S. Gille, merceiro de S. Germain-en-Laye, perto de Paris. Acerca deste, publicou um livro curioso Mr. de La-Chapelle, de que tirámos o que vamos escrevendo ácerca do ventriloquismo. Este S. Gille era o ventriloquo mais espantoso que tinha até aquelle tempo apparecido, e a sua habilidade neste genero produziu scenas muito comicas, as quaes colligiu Mr. de La-Chapelle. Uma vez passando S. Gille a noite n'um convento, e indo alguns frades mostrar-lhe o mausoleu d'um que morrera havia pouco, ouviu-se de repente uma voz que soava da abobada da igreja e que se queixava de terem feito os frades poucos suffragios pelo defuncto. Grande revolta produziu este milagre, e toda a noite andaram os reverendos em officios, ladaínhas, e preces. Depois quando S. Gille lhes explicou o caso não o quizeram acreditar, em quanto lhes não provou com repetidas experiencias, que a alma do outro-mundo tinha sido elle.

O celebre conde de S. German, que passou por ser o *judeu errante*, foi tambem um ventriloquo, e Mr. de La-Chapelle faz menção de varios gracejos delle. Mas de todos o mais perfeito foi Fitz-James que morreu em 1815. — Divertia-se este em dar trabalho á policia; porque achando-se certa vez em uma salla onde estava numerosa companhia, para dar aos circumstantes uma amostra da sua habilidade, fez ouvir a voz de um homem dentro de uma grande chaminé que estava entaipada por baixo: ninguem esperava aquillo: começaram a gritar que era algum ladrão que tinha entrado por cima: foi-se chamar a policia: já queriam arrombar a chaminé, quando elle acabou a comedia fazendo soar a voz do supposto ratoneiro de dentro de um fogão [poêle] que estava no meio da casa, e para onde só o ladrão podia ter vindo por dentro de um canudo que dava saída ao fumo para a chaminé entaipada. Em varias occasiões fez outras semelhantes a esta.

O physico Robertson servia-se de Fitz-James para este o ajudar nas suas habilidades, maravilhosas; mas ao ventriloquo faltava a agudeza necessaria para se aproveitar da habilidade que a natureza lhe concedera.

Quanto ao ventriloquismo teem-se dado muitas explicações desse phenomeno, mais ou menos claras; mas nunca inteiramente satisfactorias: até se encontram regras para qualquer ser ventriloquo; porém é provavel que ninguem o seja, sem que para isso a natureza o haja formado.

RARIDADE DOS LIVROS NA EDADE MEDIA.

NA PRIMEIRA metade do seculo 15.^o ainda eram tão raros os livros [então todos manuscritos] que fazendo presente certo padre chamado Henrique Bula, de um breviario manuscrito á igreja de S. Jacques-la-

Bouchérie, em Paris, deixou ao mesmo tempo ao sacristão da igreja 40 soldos de renda com obrigação de mandar fazer uma caixa para o dicto breviario. As pessoas que quizessem ler ou resar por elle deviam vir alli; porque foi seguro com uma cadeia chumbada na parede donde não fosse possível affasta lo.

Em um testamento do Dr. Diogo Affonso, pelo qual deixa os bens que possuía para se estabelecer um collegio em Lisboa, entre outras cousas ordenou que todos os seus livros se ponham nas casas do collegio, *per cadeyas*, isto é preso cada um delles a sua corrente, para dalli não serem levados facilmente. Este testamento é do anno de 1448.

MESTRE GIL.

(Chronica do seculo 15.^o)

III

CASO INCRIVEL.

“BEM teimava eu que o dia tinha começado aziágo!” dizia mestre Gil com a boca meia cheia de açorda, de que o ajudava a despejar uma escudela a senhora Brazia. “Não posso atinar com o motivo porque se levantou esta machina diante da nossa porta, com um passadiço para casa de Gonçalo Vaz! . . . Se fosse . . .” — dizendo isto olhava para sua mulher, a ver se ella acabava a phrase; mas a tia Brazia estava com a alma enlevada no almoço, e nada lhe tornou em resposta: então mestre Gil proseguiu: “Nada: não pôde ser! . . . Tanto não ousára elrei: preso em um castello, ainda: é o que se diz pelo paço . . . mas justigado? . . . isso fôra impossivel!”

“E que te importa?” — disse por fim a tia Brazia, depois de acabar de comer. “Que te importa para que servirá essa armadilha? Que seja para ver jogar cannas e correr touros, ou para dar garrote ou degolar alguem, que tens tu com isso? Come a tua açorda, e depois dá graças a Deus.”

Neste momento mestre Gil lançou os olhos para a praça e involuntariamente deu um grito de horror. “Sancto Deus!”

Brazia olhou para lá. Varios homens começavam a forrar de tela preta o cadafalso mysterioso, e o corredor que para elle dizia. Era evidente que um justigado devia subir a elle.

E com effeito por um dos angulos da praça começavam a desembocar os desembargadores da supplicação com as suas opas roçagantes, os corregedores da córte, os alcaides della, e todas as demais justicias, com os officiaes da casa d'elrei.

Mestre Gil estava immovel e espantado, como se algum corisco tivesse caído a seus pés.

Tinir de esporas soava pelos degraus da escada: um cavalleiro descia, e entrava appressado na loja do barbeiro,

“Mestre Gil, podereis vós haver-me alguns figos lampos?”

“Senhor, si! — I-los-hei colher á figueira do cerrado, que hontem lhe vi alguns maduros.”

“Pois colhei-os, e leve-os lá acima, sem que muito vos detenhaes: leve tambem um pichel com vinho.”

Dicto isto o cavalleiro saíu: montou em um ginete, e partiu á redea solta atravez da praça.

O barbeiro obedeceu: luctava na sua alma o terror e a curiosidade. Quasi que estimou houvesse um motivo invencivel para superar aquelle e satisfazer esta. Ligeiro correu ao cerrado, colheu os figos, e

subiu a casa de Gonçalo Vaz, levando-os em uma das mãos, e na outra um pichel de vinho.

Olhou; e um estremecção involuntario lhe agitou os membros: um cavalleiro que não podia ser senão o que entrara involto no ferragoulo, estava assentado em uma cadeira. Era elle! . . . era quem mestre Gil imaginára. Via-o; mas não o cria!

“Vinde cá Gil: dae-me isso que trazeis:” disse Ruy Telles, que estava em pé ao lado do cavalleiro.

O barbeiro obedeceu.

“Quizera poder pagar-vos: disse o cavalleiro; porém não posso. Hoje sou mais pobre do que o mais pobre de meus vassallos: os meus haveres consistem apenas em algumas horas de vida. — Deus vos recompensará.”

Isto foi dicto com voz firme e serena. Depois o cavalleiro, escolhendo os figos mais formosos e maduros, os comeu, e bebeu uma vez de vinho.

Fr. Paulo que estava do outro lado disse com voz solemne. “Não vos chameis pobre, senhor. A bemaventurança vos espera, e a bemaventurança de um martyr não é pobreza. Deixaes mulher, filhos, riquezas e vassallos; porém, mais do que tudo isto vale o reino de Deus.”

O cavalleiro volveu os olhos para a janella, e cravou-os no cadafalso.

“Nosso primo gosta das cousas á guisa d’elrei Luiz de França. Ainda ha pouco tempo que, encostado comigo a uma janella do paço, me descreveu a fórma do cadafalso, em que elle mandára degolar um de seus duques, e não lhe esqueceu a traça para o auto presente! — Ruy Telles, vede como vem loução Francisco da Silveira, com as insignias de meirinho-mór.

Ruy Telles olhou, e viu Fernão da Silveira entrar na praça, sopeando o seu fogoso cavallo: a vergonha lhe fez subir a côr ao rosto: elle acceitára o cargo de conduzir o misero cavalleiro ao logar do supplicio; e o marquez de Marialva tinha recusado preencher as funções do seu, para não assistir aos ultimos instantes d’um desventurado amigo: fizera mais: elle e muitos fidalgos offereceram a elrei o darem-lhe suas fortalezas em arrefens pelo sentenceado; mas nada abrandára o animo d’elrei, nem de seu valido Antão de Faria. Decretada estava a morte do cavalleiro; e o julgamento e sentença que o levavam ao patibulo, não eram mais do que formulas vaãs que deviam dar apparencias de justiça ao que só era obra da vingança e por ventura da politica.

O cavalleiro que fallara em baixo com mestre Gil entrou. O seu rosto era pallido: — parou defronte do sentenceado.

“Que novas trazeis senhor?” perguntou Fr. Paulo.

Não ha nenhuma esperança. — Nada póde dobrar a vontade ferrea d’elrei.” —

“Deus lhe perdõe. — disse em voz baixa o sentenceado. E meus filhos?”

“Estão seguros. Fernão Rodrigues Pereira os levou para Castella. A rainha D. Isabel lhes servirá de amparo.”

“Seja o Senhor louvado! Morrerei tranquillo.”

Estas foram as ultimas palavras do misero cavalleiro. Fr. Paulo lhe fallou ao ouvido: elle se poz em pé, e o monge tomou o logar que elle deixára: era a confissão extrema.

Mestre Gil estava immovel no topo da casa, juncto á porta, com os olhos espantados, e com a boca semi-aberta. Ruy Telles lhe acenou que descesse.

E o barbeiro desceu.

IV

“Quando eu saía á porta da cidade apparelhavam-me cadeira na praça.

“Viam-me os mancebos, e escondiam-se; e os velhos levam-tavam-se, e estavam.

“Os principes quedavam de fallar, e poinham o dedo sobre sua boca.

“A bençom vinha sobre mi, e vestido era de justiça.

“E eu era padre dos pobres, e britava os dentes do máu, e dos dentes delle tirava a prea.

“Aquelles que me ouviam esguardavam a minha sentença.

“Mas agora escarnecem de mim os que som mais mancebos que eu, aquelles cujos padres eu desdenhava poer com os meus caens.

“E não-me avorrido, e fugem longe de mim, e nom não vergonha de conspir na minha face.

“E som tornado em nada; e agora secca-se a minha alma em mim mesmo, e os dias da affligom me possuem.

“Esom semelhavel ao lodo, á faisca e á cinza.

“Bradarei a ti, senhor Deus, e nom me ouves; e estou, e nom me olhas.”

Estas magoadas endexas do velho Job soavam na praça de Evora, entoadas sobre o longo corredor que da casa de Gonçalo Vaz dizia para o cadafalso, erguido como um espectro no meio daquella multidão, que para elle olhava muda. Por esse estreito passadizo, a que um gongorista ou romantico arrevesado chamára

Ponte da morte em pelago de vidas.

Caminhava o cavalleiro condemnado ao supplicio, e juncto delle o veneravel Fr. Paulo e mais dois sacerdotes, que com funebre melodia repetiam as passagens do livro de Job que acima deixamos transcriptas, e varios outros cantos extrahidos do thesourro inexgotavel de consolações, chamado a Biblia. Apoz o padecente ía um vulto de homem todo cuberto de dó: um saio comprido lhe pendia até os pés, um grande capello lhe escondia a cabeça e uma corda de esparto o cingia: era o algoz.

Chegaram emfim ao theatro onde se havia de representar aquelle drama terrivel: então soou a voz do pregoeiro que dizia: “Justiça que manda fazer elrei D. João na pessoa de D. Fernando duque de Bragança, por crime d’alta traição.” Tres vezes soaram estas palavras, a que o duque respondeu em voz baixa: “Digam o quizerem.”

O sentenceado parou no meio do cadafalso, onde havia uma especie de tableiro: o executor lhe disse que se deitasse alli: elle obedeceu, depois de tirar do pescoço um relicario, que deu a Fr. Paulo, dizendo-lhe:

“Dae isto á senhora duqueza. Não vos esquecaes do que vos encommendei. Que vá por minha alma um romceiro a Sancta Maria de Guadalupe, e outro ao sancto sepulchro de Jerusalem. Deus tenha piedade de mim!”

“Amen! — responderam os tres sacerdotes.

“Jesus!” — foi o grito que soou depois de um momento de silencio mortal: este grito partiu de todos os angulos da praça ao mesmo tempo: a cabeça do duque de Bragança D. Fernando 2.^o tinha sido separada de seu corpo: — vira-se reluzir no ar o ferro do algoz, como o fulgurar de um relampago.

O executor sem descubrir o rosto voltou para a

casa de Gonçalo Vaz. Quem elle era, ninguem o soube: houve pessoas entre o povo que affirmavam lhes pareceram pelo vulto o proprio D. João 2.^o; mas não as accreditaram; eram destas imaginações, que gostam demasiado do maravilhoso. Alguem se atreveu a fazer perguntas ácerca disto a mestre Gil, o qual sorrindo-se mudava sempre de conversação provavelmente porque achava ridicula e extravagante tão horrorosa idéa. Mas o que muitas vezes lembrava a mestre Gil, assim como a toda a gente, era a historia da pedrada que elrei atirára na borda do Tejo, e o dicto do cardeal da Costa, antes de partir para Roma.

A primeira cabeça em que batera a pedra despedida da mão d'elrei fôra a do duque de Bragança. Julgado camarariamente, por juizes não seus pares; accusado de tractar traição, a favor de Castella e contra seu rei; por testemunhas vis, e por seus inimigos mortaes, condemnaram-o sem o ouvirem; e o cavalleiro que fôra o amigo de Affonso 5.^o; o senhor feudal que podia tirar das suas terras duas mil langas e dez mil peões armados, não teve uma lança que se abaixasse por elle, nem uma bésta que se encurvasse em sua defesa. — Como um assassino ou um salteador, convertido em fabula das gentes, entregou a vida nas mãos do algoz, no meio d'uma praça publica. Seus filhos, pobres e proscriptos, foram procurar asylo em um paiz estrangeiro, e a sua mulher, a irmã da rainha de Portugal, pôde chamar qualquer homem da plebe a *mulher do justicado!*

Naquelle mesmo dia os conegos da sé de Evora conduziam, sem pompa, á igreja de S. Domingos, entoando as orações dos finados, o cadaver truncado do duque de Bragança, e lançavam alguns punhados de terra sobre os restos do homem, que fôra nobre, poderoso, e rico. (Continuar-se-ha).

IMPORTANCIA DE UM HISTORIADOR.

CONTA a Italia no catalogo dos seus principaes historiadores a Guicciardini que pelo meiado do seculo 16.^o publicou uma historia do seu paiz, ainda hoje muitissimo estimada.

Tendo chegado a Bolonha o imperador Carlos 5.^o, para ser coroado pelo papa Clemente 7.^o, esperavam-o certo dia para lhe fallarem varios principes e fidalgos, entre os quaes estava tambem Guicciardini. Sabendo-o o imperador mandou-o chamar dentro, e poz-se a conversar com elle mui descansadamente ácerca de materias historicas. Entretanto um dos cortesãos veio dizer ao imperador que estavam murmurando altamente fôra varios officiaes militares e pessoas distinctas, porque se mandára entrar Guicciardini apenas chegára, tendo vindo elles alli debalde muitos dias a fio. Então o imperador tomando pela mão o historiador saiu com elle á salla, e fallou assim aos circumstantes: "Sei, cavalleiros, que vos escandalisastes de eu mandar entrar Guicciardini primeiro do que vós; mas rogo-vos queiraes lembrar-vos de que em uma hora eu posso crear cem nobres e outros tantos officiaes militares; mas historiador como este não o crearia, nem que nisso gastasse vinte annos. Além disto de que serviriam vossos trabalhos na guerra ou nos conselhos, se os historiadores delles não guardassem memoria para a posteridade? Por onde sabeis vós que vossos antepassados foram heroes, senão pela historia? Cumpre, pois, honra-los, para que elles se dignem de transmittir vossas façanhas aos vindouros. Assim, meus senhores, não vos offendaes, nem espanteis do respeito que guardo a Guicciardini, porque tendes tanto interesse em estar de boa avença com elle, como eu."

UNIÃO.

A UNIÃO dos naturaes vassallos é terror aos principes inimigos. Mais se conquistam os reinos com as guerras civis dos proprios, que com a guerra viva dos estranhos. Sustentaram seu dominio em Phenicia os cartaginezes só com a dividirem em parcialidades. Se o inimigo nos soubera dividir, era a melhor arte com que nos podia conquistar. — Axioma é dos philosophos que a virtude unida obra com mais força. O ferro por si só não corta; nem o aço só por si, porque, sem o ferro, se embota; porém, unidos um ao outro na espada, logo ella se faz temida, ainda da mesma mão que a empunha. O linho, em quanto por um fio, é fraco; porém, se na roda se une a muitos, pôde arrastar a maior machina. — *Fr. Gabr. da Purificação — Propriedades d'alma — [Inedito].*

Não devemos rir-nos das pessoas loucas. — O amor que se tem aos homens, quanto mais cresce, tanto mais vae enfraquecendo a vontade de rir dos desvarios alheios. Se vemos as loucuras de um amigo intimo que endoudeceu, sentimos uma afflicção amarga; e porque não havemos de tractar como amigos intimos a todos os homens? — *J. P. F. Richter.*

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Novembro 18

1528 — Nuno da Cunha toma e arraza a cidade de Mombaça.

1650 — Morre em Coimbra o P.^e Bartholomeu Pereira, famoso poeta latino, e auctor do poema intitulado *Paciccidos*.

19

1649 — Falleceu em Ughento Agostinho Barbosa, portuguez, bispo d'aquella diocese: foi um dos maiores juriconsultos e canonistas d'aquelle tempo: as suas obras montam a 33 volumes de folio.

1796 — Morte de Catharina 2.^a imperatriz da Russia.

20

1535 — Lança-se a primeira pedra á celebre fortaleza de Diu.

21

1569 — D. Luiz de Attaide toma e arraza a cidade de Onor.

22

1497 — Dobra Vasco da Gama o cabo de Boa-esperança na viagem do descobrimento da India.

23

1667 — Renuncia por força elrei D. Affonso 6.^o o governo de Portugal usurpado por seu irmão o principe D. Pedro.

24

1508 — Uma armada portugueza de 3 vellas, capitaneada por D. Lourenço d'Almeida é acommettida na barra de Chaul por doze navios de alto bordo e quarenta fustes: morre D. Lourenço; tomam os inimigos a capitania, e as outras náus fogem a custo.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.